



### **CRIANDO RITUAIS:**

Capoeira, literatura infantojuvenil negra e outros saberes como instrumentos de socialização de crianças

### **CREATING RITUALS:**

Capoeira, black children's literature and other knowledge as instruments for children's socialization

### **CREACIÓN DE RITUALES:**

Capoeira, literatura infantil negra y otros saberes como instrumentos para la socialización de los niños

**Ayodele Floriano Silva**

Mestre em Educação (UFSCar) e pesquisadora do NEAB/UFSCar  
[ayodelenina@gmail.com](mailto:ayodelenina@gmail.com)

**Alan Caldas**

Doutor em Sociologia (UFSCar)  
[alancaldas.email@gmail.com](mailto:alancaldas.email@gmail.com)

*Recebido em: 05/01/2022*

*Aceito para publicação: 04/03/2022*

### **Resumo**

Este trabalho relata processos educacionais ocorridos entre uma pedagoga com grande interesse na literatura infantil, um sociólogo formado nas práticas da capoeira angola e um grupo heterogêneo de crianças de 4 a 12 anos frequentadoras de uma organização não-governamental na cidade de Itirapina, SP. Nesse processo foram combinados saberes acadêmicos como a pedagogia e a sociologia com saberes não acadêmicos como a capoeira angola e a literatura. O resultado foi a construção de uma série de pequenos rituais que, por sua vez, constituíram um espaço de socialização que trouxe segurança psíquica para as crianças expressarem sua subjetividade de maneira cooperativa e não violenta. No que tange ao saber sociológico e pedagógico, esses rituais foram construídos a partir dos aportes teóricos da sociologia da infância, sobretudo da categoria de processos de socialização, dentro dos quais a criança é considerada um agente ativo em seu tornar-se pessoa. Os resultados apreendidos a partir dos relatos das crianças e de observações diretas, mostram um aumento significativo no relacionamento intersubjetivo baseado na cooperação.

**Palavras-chave:** Capoeira; literatura infantojuvenil negra; criança; socialização

### **Abstract**

This work reports educational processes that took place between a pedagogue with a great interest in children's literature, a sociologist trained in the practices of capoeira angola and a heterogeneous group of children from 4 to 12 years old who attend an non-governmental organization in the city of Itirapina, SP. In this process, academic knowledge such as pedagogy and sociology were combined with non-academic knowledge such as capoeira angola and literature. The result was the construction of a series of small rituals that, in turn, constituted a space for socialization that brought psychic security for children to express their subjectivity in a cooperative and non-violent way. With regard to sociological and pedagogical knowledge, these rituals were constructed from theoretical contributions from the sociology of childhood, especially the category of socialization processes, within which the child is considered an active agent in becoming a person. The results obtained from



the children's reports and from direct observations, show a significant increase in the intersubjective relationship based on cooperation.

**Keywords:** Capoeira; black children's literature; child; socialization

### Resumen

Este trabajo relata procesos educativos que se dieron entre una pedagoga con gran interés por la literatura infantil, una socióloga formada en las prácticas de capoeira angola y un grupo heterogéneo de niños de 4 a 12 años que asisten a una organización no gubernamental en la ciudad de Itirapina, SP. En este proceso se combinaron saberes académicos como la pedagogía y la sociología con saberes no académicos como la capoeira angola y la literatura. El resultado fue la construcción de una serie de pequeños rituales que, a su vez, constituyeron un espacio de socialización que brindó seguridad psíquica a los niños para expresar su subjetividad de manera cooperativa y no violenta. En cuanto al saber sociológico y pedagógico, estos rituales fueron contruidos a partir de aportes teóricos de la sociología de la infancia, en especial la categoría de procesos de socialización, dentro de los cuales el niño es considerado un agente activo en el devenir persona. Los resultados obtenidos a partir de los relatos de los niños y de las observaciones directas, muestran un aumento significativo de la relación intersubjetiva basada en la cooperación.

**Palabras llave:** Capoeira; literatura infantil negra; niño; socialización

### Introdução: o convite a uma experiência

Esse é um relato de uma experiência coletiva realizada na Associação Meninos da Aracy, uma organização não governamental localizada na cidade de Itirapina, SP, que atende crianças em situação de vulnerabilidade social. Ela foi realizada durante o período de março de 2018 a março de 2020, tendo sido interrompida devido à pandemia de COVID-19. Participaram desse processo crianças de ambos os sexos, com idade entre 4 e 12 anos, moradoras de bairros pobres e desassistidos da cidade. As atividades se iniciaram a partir de um convite da referida instituição para o autor deste trabalho, praticante de capoeira há mais de 20 anos, “treinel”<sup>1</sup> no Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA)<sup>2</sup>, dirigido pelo mestre Pé-de-Chumbo.

Visto que os fundamentos da capoeira angola não podem ser ensinados na sua integralidade fora das academias de capoeira, o convite foi aceito na forma de uma experiência, já que não sabíamos de antemão como apresentaríamos a capoeira angola para crianças com idades diversas e fora do ambiente de ensino tradicional dessa arte. Desse modo, desde o princípio tínhamos consciência que a experiência no projeto não reproduziria o ambiente de uma academia de capoeira, pois as condições de ensino eram muito diferentes, por exemplo, o espaço não era reservado exclusivamente para a capoeira, as aulas aconteciam apenas uma vez por semana, não tínhamos todos os instrumentos musicais e os participantes

1 Na linhagem de capoeira angola a que pertencço, “treinel” é o praticante autorizado pelo mestre para ministrar treinos de capoeira para as pessoas iniciantes nesta arte. Segundo Rosângela Costa (2004, p. 132) o reconhecimento de um treinel indica “a importância da compreensão sobre o papel da hierarquia na estruturação destas comunidades [de capoeiristas]”.

2 Sobre a história do CECA consultar Rosa Maria Araújo Simões (2006).

necessários para a execução do ritual da roda e, sobretudo, a ideia principal não era formar capoeiristas<sup>3</sup>, nosso objetivo era muito mais modesto: fornecer às crianças elementos vindos dessa prática da cultura negra como instrumentos de socialização.

Através da capoeira angola, a entrada no universo da cultura negra se daria, sobretudo, por meio da oralidade, da musicalidade e da expressão corporal. No entanto, ao longo do processo, conhecendo mais de perto a realidade vivida pelas crianças, percebemos que a entrada no mundo cultural afro-brasileiro necessitava também ser mediada pela linguagem escrita, já que eram frequentes dificuldades de alfabetização por parte do nosso público. Então, a instituição convidou a autora deste trabalho para idealizar e realizar práticas de mediação literária a partir de obras infantojuvenis com a temática da cultura negra, visto que ela é pedagoga, professora de educação infantil e pesquisadora da educação das relações étnico-raciais e infância, além de especialista em literatura infantojuvenil.

Sobretudo a partir da lei 10.639/2003<sup>4</sup>, a literatura infantojuvenil de temática africana e afro-brasileira passou por uma significativa mudança editorial no que se refere à representação das personagens e da cultura negra. Segundo Eliane Debus (2017), depois dessa lei, o número de publicações com essa temática aumentou e as personagens negras foram representadas de forma mais valorizada. Essa experiência pode se beneficiar dessa mudança, utilizando obras literárias relacionadas com temática da capoeira.

Como se tratava de uma experiência nova para todas as pessoas participantes, resolvemos realizar concomitantemente ao nosso trabalho educativo, também uma pesquisa, tanto para subsidiar nossa prática, quanto para refletirmos sobre as possibilidades de criação com as crianças de um território de socialização orientado por valores ligados à capoeira e à literatura infantojuvenil negra, por exemplo, a sociabilidade, o cuidado de si e do outro, a ludicidade e a cooperação. Este trabalho relata os resultados dessa reflexão.

## O diálogo entre os saberes

---

3 A partir de nossa experiência de aprendizado da capoeira, enfatizamos que a formação do e da capoeirista é um processo muito longo, que se estende por décadas e depende da proximidade com um mestre e com outras e outros praticantes, esse percurso formativo não pode ser reproduzido num projeto social ou numa escola convencional, pode apenas se iniciar nesses espaços, mas o seu desenvolvimento depende da aproximação do praticante com uma linhagem de capoeira.

4 A Lei n.º 10.639 de 2003 altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB), para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. No inciso 2., estabelece que conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003).

Consideramos que a experiência que relataremos a seguir, consistiu em um diálogo frutífero entre os saberes acadêmicos da sociologia da infância, da literatura infantojuvenil e os saberes da cultura negra tradicional, baseada na oralidade, presentes na capoeira angola.

Tradicionalmente, a capoeira angola é ensinada em academias que seguem um conjunto de práticas e saberes denominados “fundamentos”. Cada linhagem<sup>5</sup> de capoeira possui seus próprios fundamentos e esses são transmitidos por um mestre ou uma mestra, através da oralidade, ao longo de um processo de aprendizagem que pode durar décadas. Nas academias de capoeira<sup>6</sup>, os fundamentos orientam desde a decoração do espaço e os rituais mais importantes, como as rodas de capoeira, até as relações humanas e a visão de mundo (CALDAS, 2020). Os fundamentos também podem ser vistos como um conjunto de princípios, oriundos de uma ancestralidade africana, que organizam uma visão afro-brasileira do mundo e uma pedagogia voltada para a formação integral do ser humano (ARAÚJO, 2004).

Uma parte desses saberes tradicionais, veiculados nas academias de capoeira e incorporados pelo autor, foi posta em diálogo com a sociologia da infância na experiência que estamos relatando. De acordo com Anete Abramowicz (2011), a sociologia da infância estuda a constituição da criança e de sua infância, criando um campo, no qual pesquisadoras e pesquisadores se esforçam para compreender e inventar a criança. Desse modo, ela se interessa em mapear as forças sociais a partir das quais a criança se constitui na sua empiricidade como sujeito singular que tem seus valores, expectativas, direitos, aspirações, cálculos e interesses. Para tanto, esse campo teórico fez algumas inflexões na tentativa de falar da criança e de sua infância a partir de outros referenciais, criando modalidades para entender o que é ser criança e ter uma infância.

Uma das inflexões mais importantes está ligada ao conceito de socialização, ele aproximou a sociologia e os temas da criança e da infância (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA,

---

5 Segundo Araújo (2004, p. 55), uma linhagem de capoeira é semelhante a “uma família extensa de capoeiristas, angoleiros, todos descendentes de um mestre que, embora não mais integrando o mesmo grupo, apresentam conteúdos de formação significativamente sólidos para fazê-los permanecer nesta esfera de pertencimento, reconhecendo-se mutuamente como ‘irmãos’, uns mais velhos e outros mais novos, mas todos igualmente detentores da memória não apenas de uma matriz, mas de uma vivência histórica construtora de princípios capazes de identificar esta e outras vivências de educação tradicional, de matrizes africanas, no entorno de ações educativas capazes de recriar, na capoeira, a comunidade idealizada”.

6 As academias de capoeira surgiram no início do século XX como espaços de resistência contra a perseguição policial aos praticantes de capoeira. Além disso, se constituíram como lugares importantes de socialização de parte da população afro-brasileira (CALDAS, 2018).

2011). A sociologia da infância rompe com a socialização clássica, visto que altera a concepção de criança como objeto passivo de uma socialização conduzida por instituições como a família e a escola. A concepção vertical e unilateral do processo de iniciação da criança ao mundo que a cerca é substituída por uma visão multidimensional (MARCHI, 2009).

Na concepção multidimensional, a criança é vista como uma parceira, uma agente de sua própria socialização e também de seus pares e familiares. Então, o processo de socialização é entendido como um processo contínuo e múltiplo em suas direções (MARCHI, 2009). Essa visão, portanto, amplia os agentes do processo de socialização e os territórios em que esse tem lugar, para além dos adultos, da família e da escola. Essa visão multidimensional da socialização se harmoniza com os princípios vigentes na cultura popular negra que almejam a uma formação integral do ser humano.

Desse modo, saberes acadêmicos, saberes populares e as vivências das crianças foram combinados numa série de rituais visando a resolução de um problema social concreto, qual seja, a falta de espaços cooperativos para a construção e a expressão da subjetividade infantil. Como argumentou Mariza Peirano (2003), os rituais são sempre processos coletivos, já que quem define a forma e o conteúdo dos rituais são as pessoas que dele participam. De maneira geral, um ritual é um acordo sobre uma maneira de realizar, num determinado tempo e espaço, com palavras, gestos e sons, práticas que possam ser repetidas indefinidamente. Nesse processo é possível transmitir conhecimentos, valores e resolver conflitos.

Nossos encontros eram divididos em momentos rituais onde o pesquisador e a pesquisadora se alternavam na condução dos processos pedagógicos, na observação e na escuta das crianças. Antes dos encontros, as atividades eram planejadas a partir das observações anteriores e da nossa vivência, seja na capoeira angola, na literatura infantil, na sociologia e na pedagogia. No fim de cada encontro, avaliávamos os acontecimentos do dia e fazíamos registros de campo. Frequentemente, eram feitos registros visuais pela equipe gestora da instituição e esses registros eram compartilhados conosco. Concomitantemente, realizávamos a escuta atenta das crianças nas rodas de conversa que iniciavam nossos encontros. Também, em momentos diversos, tentávamos acolher as crianças e ouvir suas demandas.

Durante a nossa escuta percebemos que as crianças careciam de espaços nos quais pudessem manifestar sua subjetividade de maneira autoral. No início, essa demanda era





realizada a partir de comportamentos baseados na agressão verbal e física entre as crianças. Então, percebemos a necessidade de organizar essas tendências em rituais construídos conjuntamente a partir das práticas da capoeira angola e da literatura. Por meio da tentativa e do erro construímos, com as crianças, rituais que fossem agradáveis para o grupo. Ao longo do processo, a repetição desses rituais trouxe conforto e organização interna para as crianças, que construíram para si lugares de expressão e solidariedade com o grupo.

A socialização através de pequenos rituais elaborados a partir de práticas e saberes diversos, tendo em vista as demandas das crianças e suas necessidades expressivas, mostrou-se eficiente na construção de territórios de socialização, de expressão e de solidariedade.

### **O diálogo entre os saberes**

Consideramos que a experiência que relatamos a seguir, consistiu em um diálogo frutífero entre os saberes acadêmicos da sociologia da infância, da literatura infantojuvenil e os saberes da cultura negra tradicional, baseada na oralidade, presentes na capoeira angola.

Tradicionalmente, a capoeira angola é ensinada em academias que seguem um conjunto de práticas e saberes denominados “fundamentos”. Cada linhagem<sup>1</sup> de capoeira possui seus próprios fundamentos e esses são transmitidos por um mestre ou uma mestra, através da oralidade, ao longo de um processo de aprendizagem que pode durar décadas. Nas academias de capoeira<sup>2</sup>, os fundamentos orientam desde a decoração do espaço e os rituais mais importantes, como as rodas de capoeira, até as relações humanas e a visão de mundo (CALDAS, 2020). Os fundamentos também podem ser vistos como um conjunto de princípios, oriundos de uma ancestralidade africana, que organizam uma visão afro-brasileira do mundo e uma pedagogia voltada para a formação integral do ser humano (ARAÚJO, 2004).

Uma parte desses saberes tradicionais, veiculados nas academias de capoeira e incorporados pelo autor, foi posta em diálogo com a sociologia da infância na experiência que estamos relatando. De acordo com Anete Abramowicz (2011), a sociologia da infância estuda a constituição da criança e de sua infância, criando um campo, no qual pesquisadoras e pesquisadores se esforçam para compreender e inventar a criança. Desse modo, ela se interessa em mapear as forças sociais a partir das quais a criança se constitui na sua empiricidade como sujeito singular que tem seus valores, expectativas, direitos, aspirações,

cálculos e interesses. Para tanto, esse campo teórico fez algumas inflexões na tentativa de falar da criança e de sua infância a partir de outros referenciais, criando modalidades para entender o que é ser criança e ter uma infância.

Uma das inflexões mais importantes está ligada ao conceito de socialização, ele aproximou a sociologia e os temas da criança e da infância (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2011). A sociologia da infância rompe com a socialização clássica, visto que altera a concepção de criança como objeto passivo de uma socialização conduzida por instituições como a família e a escola. A concepção vertical e unilateral do processo de iniciação da criança ao mundo que a cerca é substituída por uma visão multidimensional (MARCHI, 2009).

Na concepção multidimensional, a criança é vista como uma parceira, uma agente de sua própria socialização e também de seus pares e familiares. Então, o processo de socialização é entendido como um processo contínuo e múltiplo em suas direções (MARCHI, 2009). Essa visão, portanto, amplia os agentes do processo de socialização e os territórios em que esse tem lugar, para além dos adultos, da família e da escola. Essa visão multidimensional da socialização se harmoniza com os princípios vigentes na cultura popular negra que almejam a uma formação integral do ser humano.

Desse modo, saberes acadêmicos, saberes populares e as vivências das crianças foram combinados numa série de rituais visando a resolução de um problema social concreto, qual seja, a falta de espaços cooperativos para a construção e a expressão da subjetividade infantil. Como argumentou Mariza Peirano (2003), os rituais são sempre processos coletivos, já que quem define a forma e o conteúdo dos rituais são as pessoas que dele participam. De maneira geral, um ritual é um acordo sobre uma maneira de realizar, num determinado tempo e espaço, com palavras, gestos e sons, práticas que possam ser repetidas indefinidamente. Nesse processo é possível transmitir conhecimentos, valores e resolver conflitos.

Nossos encontros eram divididos em momentos rituais onde o pesquisador e a pesquisadora se alternavam na condução dos processos pedagógicos, na observação e na escuta das crianças. Antes dos encontros, as atividades eram planejadas a partir das observações anteriores e da nossa vivência, seja na capoeira angola, na literatura infantil, na sociologia e na pedagogia. No fim de cada encontro, avaliávamos os acontecimentos do dia e fazíamos registros de campo. Frequentemente, eram feitos registros visuais pela equipe gestora da instituição e esses registros eram compartilhados conosco. Concomitantemente,



realizávamos a escuta atenta das crianças nas rodas de conversa que iniciavam nossos encontros. Também, em momentos diversos, tentávamos acolher as crianças e ouvir suas demandas.

Durante a nossa escuta percebemos que as crianças careciam de espaços nos quais pudessem manifestar sua subjetividade de maneira autoral. No início, essa demanda era realizada a partir de comportamentos baseados na agressão verbal e física entre as crianças. Então, percebemos a necessidade de organizar essas tendências em rituais construídos conjuntamente a partir das práticas da capoeira angola e da literatura. Por meio da tentativa e do erro construímos, com as crianças, rituais que fossem agradáveis para o grupo. Ao longo do processo, a repetição desses rituais trouxe conforto e organização interna para as crianças, que construíram para si lugares de expressão e solidariedade com o grupo.

A socialização através de pequenos rituais elaborados a partir de práticas e saberes diversos, tendo em vista as demandas das crianças e suas necessidades expressivas, mostrou-se eficiente na construção de territórios de socialização, de expressão e de solidariedade.

### **A experiência etnográfica com as crianças**

Partimos de uma metodologia etnográfica baseada na observação participante, na construção de cadernos de campo, entrevistas gravadas, na escuta das crianças e em desenhos feitos por elas. Tratamos o espaço social como um território de socialização. Para o estudarmos, lançamos mão de uma das principais ferramentas da sociologia da infância que é a etnografia com crianças.

Segundo Ivana Martins da Rosa, Manuela Martinho Ferreira e Patrícia de Moraes Lima (2020), essa abordagem aproxima os sujeitos envolvidos na pesquisa e aumenta a reciprocidade entre eles. Além disso, procura entender como a criança se abre ao mundo, quais saberes ela constitui e como esses saberes ajudam a problematizar o lugar da pessoa que faz etnografia, de modo a atualizar sua própria concepção de infância.

Na nossa etnografia com as crianças, a pesquisadora e o pesquisador foram criando outro corpo e outro saber a partir da relação investigativa, isso estabeleceu uma relação epistemológica de reciprocidade que construiu um mundo comum, onde os saberes das crianças foram reconhecidos como legítimos e importantes. Para isso foi necessário a prática da escuta sensível e atenta.



De acordo com Júlia de Oliveira Formosinho e Sara Barros de Araújo (2008), teóricos e investigadores da infância têm sinalizado sobre a importância e a utilidade de escutar as vozes das crianças, sobre os assuntos que lhes dizem respeito, para superar a postura adultocêntrica. Em vista disso, a escuta das crianças foi realizada sistematicamente em diversos momentos de nossas práticas, principalmente nas rodas de conversa que iniciavam as atividades. Nessas conversas as crianças falavam como se sentiam naquele momento, se tinha algo que as incomodava, se acontecera algo marcante durante a semana, entre outras coisas. Depois de um ano de projeto, foi realizada uma escuta individual centrando-se na percepção das crianças sobre o modo como estavam vivendo aquela experiência.

Outra ferramenta da etnografia que utilizamos foi o clássico caderno de campo, no qual anotávamos as atividades que iríamos apresentar a cada encontro para as crianças. Depois, registrávamos como havia sido a recepção delas para essas atividades: o que elas gostaram e o que não gostaram, em quais atividades tinham maior engajamento, quais práticas novas elas traziam para nós e quais demandas elas tinham acerca do nosso trabalho.

Outra forma de acesso à subjetividade das crianças foi feita através de desenhos. Como argumentou Márcia Gobbi (2008), os desenhos infantis são práticas nas quais as crianças representam o mundo, bem como as relações sociais que o constituem. Os desenhos são verdades iconográficas nas quais estão presentes a subjetividade da criança, bem como suas intenções. Percebemos que os desenhos constituíam também importante fonte de memória para o grupo, visto que traziam, sobretudo, representações de um território da infância, no qual as crianças eram sujeitos ativos.

No momento do desenho, pedimos para as crianças que registrassem os momentos rituais de nossos encontros que elas julgassem mais importantes. Não pedimos desenhos que representassem fielmente nossos ritos, e sim desenhos que usassem livremente a memória e a imaginação. O uso dos desenhos exige um exercício constante do olhar sensível para o que as crianças representam de sua infância e para as histórias que elas contam. Com isso, podemos perceber mais a agência da criança enquanto ser criador de cultura (GOBBI, 2008).

Todas essas ferramentas teórico-metodológicas visam superar a posição adultocêntrica e sair da posição de privilégio epistemológico, constituindo novas relações ético-metodológicas (ROSA; FERREIRA; LIMA, 2020), que devem ser objeto de reflexões renovadas no campo da pesquisa em ciências sociais, especialmente, nas investigações que envolvem crianças.



Segundo Renata Lopes Costa Prado e Marcos Cezar de Freitas (2020), é importante que o questionamento ético perpassasse toda a pesquisa e contemple a questão de que a criança não é objeto e sim um ator social fundamental na constituição da investigação. Nessa perspectiva, a criança é vista como sujeito responsável por suas ações, escolhas e questionamentos que dialogicamente influenciam as ações dos pesquisadores e das pesquisadoras, bem como os rumos da pesquisa.

Tendo em vista essa abordagem ética da pesquisa, depois que estávamos familiarizados com as crianças e com o espaço, fizemos uma roda de conversa em que propomos para elas a realização de uma pesquisa sobre o trabalho que estávamos realizando. Explicamos, numa linguagem acessível, no que consistia uma pesquisa científica.

Dissemos que uma pesquisa é uma forma de olhar com mais atenção para uma determinada coisa, para aprendermos com ela. Utilizamos o exemplo do crescimento de uma planta: dissemos que podemos olhar para o seu crescimento e aprender com ele sobre o que as plantas precisam para sobreviver, quanto tempo ela demora para crescer, etc. Ao final, indicamos que nosso trabalho ali seria como uma planta que estava crescendo e precisávamos saber que alimentos ela necessitava para crescer melhor a cada dia.

Para isso, propomos uma pesquisa em conjunto, em que as crianças indicariam o que pensavam sobre nossos encontros por desenhos, entrevistas e fotos. Em seguida, perguntamos se elas queriam ou não participar desse processo, destacamos que mesmo que elas não quisessem participar da pesquisa elas poderiam continuar frequentando os nossos encontros. Diante da resposta positiva de todas elas, providenciamos, com ajuda da gestão da instituição, os documentos necessários para o consentimento formal da pesquisa, dado pelos familiares das crianças.

Dessa forma, não partimos de um referencial teórico metodológico dado a priori, fomos construindo nossa perspectiva de pesquisa na medida que foram surgindo problemas práticos e à proporção em que exercitávamos uma escuta ativa das crianças em suas falas e gestos relacionados ao trabalho que estávamos realizando.

### **Criando rituais com as crianças**

Revisando nosso caderno de campo, percebemos que inicialmente a proposta estava centrada em duas atividades, a movimentação e a musicalidade da capoeira. A partir da



observação da interação das crianças entre si e com a proposta inicial, percebemos um problema: a dificuldade em manter o interesse delas nas atividades, durante todo período de nosso encontro (que era de uma hora).

Estávamos ensinando para as crianças a movimentação tradicional da capoeira angola, seguindo a mesma sequência de ensino transmitida para nós por nosso mestre. Percebemos, no entanto, que essa sequência didática não era apreciada pelas crianças. Todavia, não poderíamos simplesmente mudar a movimentação ou a sequência de movimentos em vista do respeito às práticas ancestrais. Então tivemos a ideia de mudar simplesmente os nomes dos movimentos, por exemplo, a negativa tornou-se o jacaré tomando sol; a tesoura, o jacaré de boca aberta; as brincadeiras da ginga se tornaram o boneco de posto, o passo do bêbado, o homem correndo do cachorro, entre outros.

Essa mudança de nomes produziu efeitos simbólicos bastante relevantes. As crianças se divertiam muito mais fazendo os movimentos e também os memorizaram corporalmente com mais facilidade. E., menino de oito anos, perguntado sobre o que mais gostava nas aulas respondeu: “eu mais gosto do boneco do posto”. E sua irmã, M., de cinco anos disse: “só gosto do bonequinho”.

Para além dessa nomenclatura mais lúdica dos movimentos de capoeira, também nos questionamos acerca de que práticas compunham o universo das crianças e poderiam ser inseridas em nossas atividades. Revisando nosso caderno de campo, vimos descrições de brincadeiras e jogos que as crianças, espontaneamente e sem intervenção de nenhum adulto, desenvolviam, minutos antes de começarmos os nossos encontros, por exemplo, pega-pega, esconde-esconde, ninja e futebol.

Pensamos, então, em trazer as brincadeiras para nossos encontros. Para isso adaptamos os movimentos de capoeira em uma série de brincadeiras. Por exemplo, um dos movimentos de capoeira, realizado com as mãos e os pés no chão, com a barriga para cima, sem colocar o quadril no solo, se tornou a posição de caranguejo e, juntado a uma bola, deu origem ao futebol dos caranguejos. Decidimos colocar, a cada encontro, uma nova brincadeira depois da movimentação de capoeira e da musicalidade. O resultado foi muito positivo: as crianças sempre perguntavam qual ia ser a brincadeira do dia e aguardavam com muito interesse a chegada dessa.

Perguntado sobre qual parte das atividades ele gostava mais, R., um menino de 10 anos, respondeu o seguinte: “o que eu gosto mais é a brincadeira porque depois de termos feito



todo aquele esforço, a gente pode se divertir um pouco (...) quando eu estou nas aulas de capoeira eu sinto felicidade e alegria”. Sua irmã, A., de 9 anos também disse gostar das brincadeiras, por ser um momento que ela pode compartilhar com o irmão: “eu gosto mais da brincadeira porque quando meu irmão chega em casa ele mexe no celular e aqui na capoeira a gente brinca juntos”.

Ainda assim, depois de alguns minutos, as crianças se entediavam com a movimentação da capoeira e também com a musicalidade. Era preciso criar um contexto em que essas músicas e essa movimentação adquirissem sentido para todos e todas do grupo. A saída encontrada foi contar histórias a partir das cantigas de capoeira. As crianças se interessaram bastante pela contação de histórias. Por exemplo, uma cantiga conhecida como “a onça morreu, o mato é meu”, deu origem a uma história improvisada de dois amigos que disputavam um espaço de terra, onde a onça morava. O resultado foi surpreendente, já que as crianças memorizaram rapidamente a música e, por diversas vezes, em outros encontros, pediram para ela ser cantada novamente.

Outro problema frequente era que algumas crianças iam até nosso projeto, porém não queriam realizar as atividades propostas. Ficamos interessados em saber o motivo desse fato, afinal a presença não era obrigatória como na escola e mesmo assim eles iam até lá, contudo, por algum motivo, se recusavam a participar. Por isso, resolvemos fazer uma roda de conversa antes de iniciarmos nossas atividades. Nessa roda, cada criança poderia falar como estava, o que gostaria de fazer naquele dia e quais eram as suas expectativas. Com essas conversas pudemos acolher as crianças e suas dificuldades, bem como conhecer melhor suas vivências.

Numa dessas rodas de conversa, uma criança chamou a outra de “burra” pelo fato de não saber ler, apesar de já estar com oito anos. Depois do encontro, conversamos com a gestão da instituição sobre o ocorrido e fomos informados da dificuldade de várias crianças do projeto com a prática da leitura. Percebemos que seria interessante inserimos a literatura em nossas atividades. Selecionamos então um conjunto de livros infantojuvenis que se relacionavam com a capoeira e líamos trechos deles a cada encontro. As obras lidas conjuntamente foram: *Num tronco de Iroko vi a iúna cantar* (BALBINO, 2017), *Berimbau* (COELHO, 1993), *José Moçambique e a capoeira* (ALMEIDA, et al. 2007), *Berimbau mandou te chamar* (HETZEL, 2008), *O Herói Damião em A descoberta da Capoeira* (LOTITO, 2006) e *Capoeira* (ROSA, 2009).

Essa prática de leitura atraiu muito as crianças, a ponto de, por exemplo, R. pedir para que aumentássemos o tempo dedicado à leitura. No final dos encontros, frequentemente, as crianças pediam para olhar e ler os livros que trazíamos. No dia que fizemos uma atividade avaliativa partir de desenhos, das oito crianças presentes, 3 representaram o momento da leitura como aquele que mais as agradava.

A partir dessa inserção, as próprias crianças começaram a criar pequenos rituais que se repetiam a cada encontro. Um deles foi o de preparar o ambiente para a história, sem que os adultos assim solicitassem. As próprias crianças começaram a constituir o território da leitura: colocavam, no centro do espaço, o banco em que ficava a pesquisadora, quando lia as histórias; depois estendiam o pano onde elas ficavam sentadas para ouvir a narração.

O banco de leitura e o tecido foram representados em 3 dos 8 desenhos. Um dos desenhos representava as crianças arrumando o espaço da leitura, indicando que esse era um momento de protagonismos das mesmas. Outros dois desenhos, traziam o banco e o pano estendido no chão, porém sem nenhuma representação de figura humana, o que parece-nos significar que a leitura era um momento de suspensão, onde os corpos se silenciavam e se aquietavam e uma atividade mental mais intensa começava a se desenvolver. Um desses desenhos trazia uma figura humana na capa do livro sobre o banco, indicando que a atividade humana fora transposta para dentro do livro.

Depois da história, as crianças se agitavam no processo de reorganização do espaço para as outras atividades, nesse momento se empurravam, saíam correndo, brigavam umas com as outras. De tal modo, que não havia a concentração necessária para a execução dos movimentos de capoeira. Como um ritual de transição entre a história e a movimentação de capoeira, incluímos atividades de alongamento e relaxamento, com posturas de ioga, realizadas ao ritmo de músicas infantis. A ideia era que as crianças se acalmasse e ampliassem sua consciência corporal e seu autocontrole. Além de se compassarem em um único corpo devido ao ritmo das músicas, como ocorria tradicionalmente nos cantos de trabalhos.

A. já tinha suas posturas preferidas, em nossa entrevista avaliativa, ela disse gostar “mais de fazer as posturas do cachorro olhando para baixo e a postura do diamante”. F., menino de 11 anos, criou uma conexão entre o ritual da leitura e o do alongamento, de modo que essa era a experiência mais agradável para ele, nas suas palavras: “o que mais gosto é do alongamento e da história. Eu me sinto feliz na aula de capoeira porque é uma capoeira bem legal”.



Percebemos que, espontaneamente, nossos rituais levavam as crianças a um crescente de movimentos corporais, tanto que ao final elas estavam todas muito eufóricas. Como é de praxe na capoeira angola, percebemos ser necessário finalizar nosso ritual para que as crianças pudessem sair do território que criamos juntos e juntas e voltassem para o cotidiano de suas vidas. Escolhemos sempre finalizar, em roda, de mãos dadas, ao som do berimbau, cantando uma cantiga tradicional chamada “Adeus, Adeus, boa viagem”. Em que o nome de cada criança era entoado e o coro respondia “Adeus, Adeus”.

Dois dos desenhos mencionados referem-se a esse ritual final. Em um deles, aparecem 4 crianças, cada uma de uma cor, num dia ensolarado, de mãos dadas e uma figura tocando berimbau a distância. O fato do desenho usar diversas cores para representar as crianças de mãos dadas, parece indicar um sentimento de conviver em harmonia com a diversidade. A figura tocando o berimbau à distância, aponta para que os agentes construtores do território são mais as crianças unidas entre si do que os adultos.

Nossos encontros começaram a repetir a seguinte sequência de atividades construídas com as crianças: roda de conversa, preparação para a leitura, leitura de um livro, musicalização, alongamento, movimentos de capoeira, brincadeira e o adeus, adeus.

Percebemos que os rituais foram de fundamental importância para a construção de um território infantil onde as crianças faziam atividades que tinham significado para elas e lhes despertava interesse. Além disso, a repetição das mesmas atividades, na mesma ordem, a cada encontro, deu segurança psíquica para as crianças que sabiam exatamente o que esperar de nossos encontros. Assim, se não gostavam de uma parte, faziam-na para esperar a outra que lhes interessava mais. Criando um senso de coletividade e responsabilidade para com a alteridade, visto que todas as atividades contavam com a participação de cada um e cada uma. Concomitantemente, observamos a diminuição da agressividade nas relações entre as crianças, também elas se tornaram menos irritadas e mais receptivas às propostas do grupo.

### **Considerações finais**

Podemos concluir que as práticas da capoeira angola e da literatura negra realizadas com as crianças possuem grande potencial socializador no que se refere à convivência solidária, democrática, amorosa e respeitosa desde que se tenha flexibilidade para ordená-las no tempo e no espaço de acordo com as necessidades e interesses das crianças.





O que parece mais significativo na nossa experiência é que, seguindo as orientações da sociologia da infância, possibilitamos às crianças um espaço, um tempo e a matéria-prima necessária para construir seus próprios processos de socialização. A matéria-prima oferecida foi, inicialmente, as práticas da capoeira Angola tradicional que, depois, foi acrescida da literatura infantojuvenil e das brincadeiras. De posse desses elementos, as crianças produziram um território, com ritmos, posturas, palavras, afetos e relações singulares entre si e com os adultos, território esse que lhes trazia prazer e segurança.

Isso é uma forma de valorizar as tradições e os saberes afro-brasileiros que foram subalternizados durante séculos na formação social brasileira e continuam sendo subordinados dentro da educação formal, a despeito da legislação que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino público e privado de todo o país.

### Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. *In*: FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (org.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 17–36.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana De. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação (UFSM)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 39–52, 2010. DOI: [10.5902/198464441602](https://doi.org/10.5902/198464441602). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1602>. Acesso em: 16 maio. 2021.

ALMEIDA, Joaquim de, *et al.* **José Moçambique e a capoeira**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2007.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **A capoeira Angola da ‘escola pastiniana’ como práxis educativa**. Tese de Doutorado. Programa de Ps-Graduação da Faculdade de Educação, USP, 2004.

BALBINO, Erika. **Num tronco de Iroko vi a iúna cantar**. São Paulo: Editora Peirópolis LTDA, 2017.

CALDAS, Alan. “A etnopolítica da capoeira: fronteiras, linhagens e redes”. *In*: BRITO, C.; GRANADA, D. **Cultura, política e sociedade: estudos sobre a Capoeira na contemporaneidade**. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em [https://www.ufpi.edu.br/arquivos\\_download/arquivos/livro\\_digital1\\_120200609161144.pdf](https://www.ufpi.edu.br/arquivos_download/arquivos/livro_digital1_120200609161144.pdf). Acesso em 06 mar. 2022.

CALDAS, Alan. **Valentia e linhagem: uma história da capoeira**. Curitiba: Appris, 2018.



COELHO, Raquel. **Berimbau**. São Paulo: Editora Atica, 1993.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.

FERNANDES, Natália; FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 21, n. 66, p. 759–779, 2016. DOI: [10.1590/S1413-24782016216639](https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216639). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-24782016000300759&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782016000300759&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 9 maio. 2021.

FORMOSINHO, Julia Oliveira; ARAÚJO, Sara Barros De. Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: FORMOSINHO, Julia Oliveira (org.). **A escola vista pelas crianças**. Lisboa: Porto, 2008.

GOBBI, Márcia. Desenhos e Fotografias: marcas indiciárias das culturas infantis. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 79, p. 199–221, 2008. DOI: [10.21527/2179-1309.2008.79.199-221](https://doi.org/10.21527/2179-1309.2008.79.199-221). Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1060>. Acesso em: 23 maio. 2021.

HETZEL, Bia. **Berimbau mandou te chamar**. Rio de Janeiro: Editora Manati, 2008.

LOTITO, Iza. **O Herói Damião em A descoberta da Capoeira**. São Paulo: Editora Girafa, 2006.

PRADO, Renata Lopes Costa; FREITAS, Marcos Cezar De. Normas éticas traduzem-se em ética na pesquisa? Pesquisas com crianças em instituições e nas cidades. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 25, 2020. DOI: [10.22481/praxisedu.v16i40.6879](https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i40.6879). Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6879>. Acesso em: 9 maio. 2021.

PRADO, Renata Lopes Costa; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves; ROSEMBERG, Fúlvia. Ética na pesquisa com crianças: uma revisão da literatura brasileira das ciências humanas e sociais. **Childhood & Philosophy**, [S. l.], v. 14, n. 29, p. 43–70, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6249825>. Acesso em: 9 maio. 2021.

ROSA, Ivana Martins Da; FERREIRA, Manuela Martinho; LIMA, Patrícia De Moraes. “-Queres jogar? Assim percebes melhor como se joga! a etnografia como uma experiência adulta de aprender a aprender com as crianças. **Diálogos sobre educación. Temas actuales en investigación educativa**, [S. l.], v. 11, n. 20, 2020. DOI: [10.32870/dse.v0i20.603](https://doi.org/10.32870/dse.v0i20.603). Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2007-21712020000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2007-21712020000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 30 maio. 2021.

ROSA, Sonia. **Capoeira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SIMÕES, Rosa Maria Araújo. **Da inversão à re-inversão do olhar: ritual e performance na capoeira angola**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos. UFSCar, 2006.